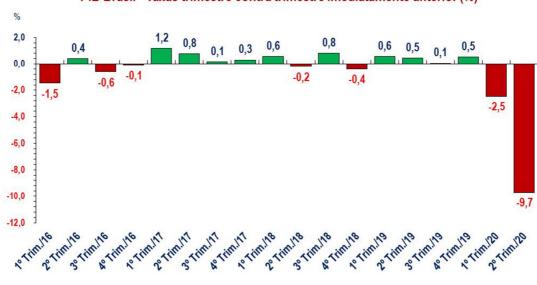
### PIB Brasil caiu 9,7% no auge da crise provocada pela pandemia

Os dados do Produto Interno Bruto (PIB) divulgados hoje pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidenciam o tamanho do estrago na economia no auge da crise provocada pela pandemia do novo Coronavirus. No segundo trimestre de 2020 em relação aos três primeiros meses do ano, na série com ajuste sazonal, o PIB Brasil registrou queda de 9,7%. Foi o pior resultado nesta série, com início em 1996. Este é o retrato de um cenário caracterizado por isolamento social e paralisação de atividades. Deve-se destacar que nos três primeiros meses do ano, em relação ao trimestre imediatamente anterior, a economia nacional já havia apresentado recuo de 2,5%. Indicadores da produção da indústria, do comércio varejista e dos serviços, divulgados anteriormente, já sinalizavam que o País tinha voltado para a recessão. Nesta base de comparação a Agropecuária cresceu 0,4%, a Indústria apresentou queda de 12,3% e os Serviços recuaram 9,7%.



PIB Brasil - Taxas trimestre contra trimestre imediatamente anterior (%)

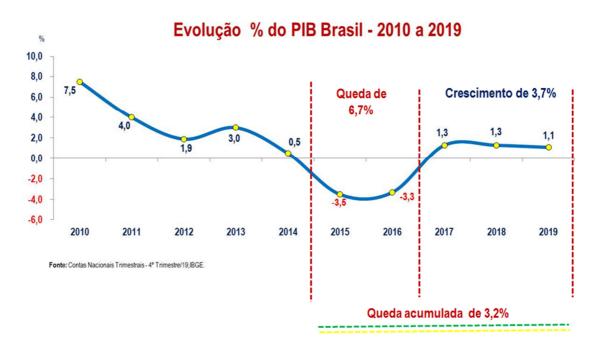
Fonte: Contas Nacionais Trimestrais -2ºTrim./20,iBGE.

\* Variação percentual do trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior com aiuste sazonal

Os dados do mercado de trabalho também evidenciavam a força da crise na economia. De acordo com as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, do Ministério da Economia, o País perdeu 1,303 milhão de postos de trabalho com carteira assinada no segundo trimestre do ano, o que fez com que o número de trabalhadores formais passasse de 38,9 milhões no final de março para 37,6 milhões no final de junho. Já a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua, realizada pelo IBGE, que retrata o mercado de trabalho formal e informal, demonstrou que, neste período, o número de ocupações perdidas pelo País foi de 8,9 milhões.

Destaca-se que a economia nacional entrou em uma nova recessão ainda sem se recuperar totalmente da crise vivenciada no biênio 2015-2016, quando o seu PIB sofreu retração de 6,7%. De 2017 a 2019 o crescimento foi de 3,7%. Portanto, no acumulado

dos últimos cinco anos a retração observada no País é de 3,2%. A economia nacional voltou ao mesmo patamar do final de 2009 e está 15,1% abaixo do pico observado no primeiro trimestre de 2014.



O consumo das famílias, na comparação do segundo trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior, registrou retração de 12,5% enquanto a Formação Bruta de Capital Fixo, que é a medida do investimento na economia, caiu 15,4%. O investimento, assim como aconteceu com o PIB Brasil, registrou a sua queda mais intensa desde o início da série em 1996. No segundo trimestre de 2020 a taxa de investimentos da economia nacional foi de 15%, percentual muito baixo para uma economia que ainda tem muito a se desenvolver.

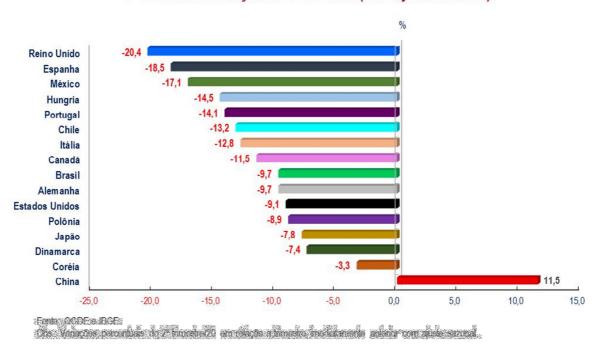


Em todas as bases de comparação a economia nacional sofreu retração: -9,7% no segundo trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal, -11,4% no segundo trimestre em relação a igual período de 2019, -5,9% no acumulado do primeiro semestre em relação a igual período do ano anterior e -2,2% no acumulado

dos últimos quatro trimestres em relação aos quatro trimestres imediatamente anteriores. Assim, fica evidente o tamanho do estrago provocado pela crise econômica. Entretanto, é preciso destacar que a queda no PIB Brasil poderia ter sido ainda pior se não fossem os estímulos do governo na área monetária e fiscal.

O resultado do segundo trimestre da economia nacional foi igual ao observado na Alemanha (-9,7%) e próximo aos de outros países como Estados Unidos (-9,1%) e Polônia (-8,9%). Em economias como Reino Unido (-20,4%), Espanha (-18,5%), México (-17,1%), Hungria (-14,5%), Portugal (-14,1%), Chile (-13,2%), Itália (-12,8%) e Canadá (-11,5%) o resultado foi ainda pior do que o registrado pelo Brasil.

## Produto Interno Bruto em alguns países - Variação % 2º Trim./20 em relação ao 1º Trim./20 (com ajuste sazonal)



# Queda no PIB da Construção Civil foi menos intensa do que a observada na economia nacional

No segundo trimestre de 2020, em relação ao trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal, a Construção Civil apresentou retração de 5,7% em seu PIB. Foi o recuo mais intenso do setor desde o segundo trimestre de 2003 (- 8%). Destaca-se que em todas as bases de comparação o PIB da Construção Civil, assim como aconteceu com a economia nacional, registrou queda. O setor, assim como a maioria dos segmentos, sentiu os efeitos da crise.

### PIB Brasil x Construção Civil

Período	PIB Brasil	Construção Civil		
2º trim/20 em relação 1º trim/20 com				
ajuste sazonal	-9,7	-5,7		
2º trim/20 em relação 2º trim/19	-11,4	-11,1		
Acumulado no 1º semestre/20 em relação a igual período do ano anterior	-5,9	-6,1		
Acumulado em 4 trimestres em relação aos 4 trimestres anteriores	-2,2	-1,6		

Fonte: Sistema de Contas Nacionais Trimestrais/IBGE.

Entretanto, é preciso ressaltar que a retração da Construção no segundo trimestre do ano, na comparação com o trimestre imediatamente anterior (-5,7%), foi menos intensa do que a observada conjunto da economia (-9,7%), o que demonstra o esforço do setor em manter as suas atividades, apesar das dificuldades impostas pelo cenário de pandemia. Ressalta-se que a queda observada pelo PIB Brasil foi recorde desde o início da série, em 1996, e isso demonstra o tamanho da crise em que o setor teve que trabalhar.



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais -2°Trim/20,IBGE.

Parte da queda das atividades da Construção é explicada pelo segmento informal. Conforme os dados divulgados pela PNAD Contínua, no segundo trimestre de 2020 a Construção Civil perdeu 1,05 milhão de ocupações (mercado formal e informal). Isso significa que o número de pessoas ocupadas no setor passou de 6,380 milhões no final de março para 5,323 milhões no final de junho. Foi a primeira vez na série histórica da PNAD Contínua, iniciada em 2012, que a Construção Civil registrou um número de ocupações inferior a 6 milhões de pessoas.

<sup>\*</sup> Variação percentual do trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal.

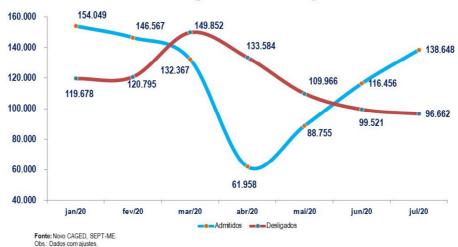
Evolução do número de pessoas ocupadas na Construção Civil - PNAD Contínua



Fonte: IBGE - PNAD Contínua Obs. Números em milhares.

Já os dados de emprego formal divulgados pelo CAGED, relativos ao segundo trimestre, demonstram que o setor perdeu 75.902 postos de trabalho com carteira assinada. Em abril, que foi o primeiro mês completo de isolamento social, foram fechados 71.626 postos de trabalho no setor. Destaca-se que no segundo trimestre todos os segmentos da Construção Civil registraram resultados negativos no mercado de trabalho: construção de edifícios, obras de infraestrutura e serviços especializados para a construção. Assim, o número de trabalhadores com carteira assinada no setor, no País, passou de 2,210 milhões em março para 2,134 milhões em junho.

Mercado de trabalho formal Admitidos e Desligados na Construção Civil - 2020



Diante dos resultados negativos do segundo trimestre têm-se uma boa notícia. Os dados do emprego formal demonstram que a Construção Civil já recuperou todos os postos de trabalho perdidos nos primeiros seis meses de 2020. Em julho o setor foi responsável pela geração de 41.986 novas vagas. No primeiro semestre o número de vagas perdidas foi de 33.244. Portanto, o início do segundo semestre já mostrou o setor mais ativo e recuperando suas atividades em todos os seus segmentos. Os dados do PIB mostram a economia e a Construção pelo retrovisor. Mas o cenário que se vislumbra agora é menos nebuloso do que o passado.

Saldo de vagas (admitidos menos demitidos) com carteira assinada na Construção Civil - Brasil - Janeiro a julho/20

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Total janeiro a julho
Total Brasil	34.371	25.772	-17.485	-71.626	-21.211	16.935	41.986	8.742

Fonte: Novo CAGED, SEPT-ME.

Para a Construção as expectativas sinalizam um segundo semestre mais positivo. A continuidade das atividades do setor, mesmo durante a pandemia, a baixa taxa de juros, o incremento do financiamento imobiliário com recursos da caderneta de poupança, o programa Casa Verde e Amarela são alguns dos fatores que alimentam as estimativas mais otimistas. O baixo patamar do estoque de unidades disponíveis para comercialização, em todo o País, também reforçam a expectativa de novos lançamentos, o que certamente contribuirá para o incremento de atividades do setor.



<sup>\*</sup> Dados com ajustes.

Necessário destacar a importância da Construção Civil no processo de recuperação da economia. O setor, que na última década respondeu por 50% dos investimentos no País, é grande gerador de renda e emprego. No segundo trimestre, a taxa de investimentos no Brasil fechou em 15%, um patamar muito baixo para uma economia que ainda tem muito a se desenvolver. Esse número certamente poderá ser melhor com o incremento das atividades da Construção. Neste contexto, é preciso destacar que com o resultado do segundo trimestre de 2020 a Construção Civil voltou ao patamar do final de 2006 e está 38,7% abaixo do seu pico alcançado no início de 2014. Um País como o Brasil, para consolidar o seu processo de crescimento precisa, com urgência, mudar este cenário.

A despeito da evolução da pandemia e as incertezas que ainda norteiam o seu controle e/ou vacina, a reabertura da economia tem resultado em uma recuperação da atividade global desde maio. Desta forma, as expectativas atuais para o PIB de 2020 estão menos pessimistas do que as observadas no final de junho/2020. De acordo com a pesquisa Focus, do Banco Central, de 28/08/20, a economia brasileira deverá encerrar 2020 com queda de 5,28%. Destaca-se que no final do mês de junho este levantamento estimava retração de -6,54%.

#### Expectativa Pesquisa Focus para o PIB Brasil em 2020 (%)

